



Vol. 22, nº 1 (2022)

DOI: 10.30681/issn22379304v22n01/2022p04-17

EXPERIÊNCIAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA NO CHÃO DA ESCOLA

MEDIATION EXPERIENCES OF LITERARY READING ON THE SCHOOL FLOOR

Ângela Maria da Silva¹
Aroldo José Abreu Pinto²

Recebimento do Texto: 04/06/2022

Data de Aceite: 20/06/2022

RESUMO: O trabalho proposto relata a análise de uma experiência realizada com os alunos do 2º ano do ensino Médio da Escola Estadual Professor João Batista no ano de 2020. Os alunos desenvolveram atividades de leitura, pesquisas sobre a biografia de autores mato-grossenses. Além disso, produziram ilustrações de poesias e contos, fizeram exposições dos resultados das produções textuais nas dependências da escola e participaram de um evento organizado pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – PPGEL, intitulado “Agenda Literária”, realizado no Centro Cultural do Município de Tangará da Serra. Durante a participação dos alunos foram coletados depoimentos sobre a experiência da vivência da literatura no chão da escola e analisada pelo viés do método recepcional de Aguiar e Bordini (1998).

PALAVRAS-CHAVES: Leitura Literária. Recepção. Escola.

ABSTRACT: The proposed work reports the analysis of an experience carried out with the students of the 2nd year of high school at the Professor João Batista State School in the year 2020. The students developed reading activities, research on the biography of authors from Mato Grosso. In addition, they produced illustrations of poetry and short stories, exhibited the results of textual productions on the school premises and participated in an event organized by the Graduate Program in Literary Studies – PPGEL, entitled “Agenda Literária”, held at the Centro Cultural do Municipality of Tangará da Serra. During the students' participation, testimonies were collected about the experience of living literature on the school floor and analyzed through the bias of the reception method of Aguiar and Bordini (1998).

KEYWORDS: Literary Reading. Front Desk. School.

¹ Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Rede Estadual do Estado de Mato Grosso. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual do Mato Grosso. Email: angellias@hotmail.com.

² Doutor em Letras pela UNESP/Assis-SP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado do Mato Grosso/UNEMAT, Campus de Tangará da Serra-MT. Professor do Departamento de Letras, Campus da UNEMAT de Alto Araguaia-MT. e-mail: aroldoabreu@uol.com.br. Este trabalho está inserido em um projeto mais amplo realizado junto ao acervo do escritor Ricardo Ramos e denominado “Acervo de Ricardo Ramos: disponibilização e organização de 1975 - 1980”, financiado pela UNEMAT/PRPPG e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq – Brasil.



Considerações iniciais

No caminho da literatura no chão da Escola Estadual Professor João Batista, encontramos elementos, como alunos e escola, leitor e obra, pais e direção, que têm uma tarefa fundamental a cumprir na sociedade em transformação que é “a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola” (COELHO, 2000, p. 15). No que diz respeito às atividades com a literatura no espaço da escola, podemos diversificar em pelo menos dois ambientes: o de estudos programados (sala de aula, bibliotecas para pesquisa etc.) e o de atividades livres (sala de leitura, recanto de invenções, oficina da palavra, laboratório de criatividade, espaço de experimentação e eventos realizados pelo PPGEL). Desenvolvemos atividades semelhantes a essas para vivenciar a literatura no chão da escola e no espaço universitário como a “Agenda Literária” do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – PPGEL.

Na ocasião do evento, os autores Lorenzo Falcão e Ivens Scaff, ambos membros da Academia Mato-Grossense de letras, estiveram na escola fazendo apresentação de suas obras e participando de um bate-papo com os alunos. Esse grupo de alunos participa também do projeto Chá Literário realizado pela escola desde 2017. Nesse espaço escolar autor e leitor dividiram o mesmo espaço para uma conversa séria, mas, também, descontraída, assim como a literatura, proporcionando momentos de prazer. O leitor questionou, ouviu, debateu, aprendeu e encheu-se de perspectivas outras, mas o que ficou marcado com palavras e memórias, sem dúvida, foi a abertura do caminho literário. Nesse encontro, os estudantes tiveram voz e expressaram com o corpo as emoções das poesias e narrativas num momento especial através de apresentações de danças, encenações e



declamações homenageando os autores presentes. Na fala dos alunos também havia a expressão da importância da literatura em nosso viver diário e que a aprendizagem proporcionada a eles seria levada para toda vida.

A motivação diante dessas experiências despertou nos alunos a vontade de participar do núcleo de pesquisa do PPGEL. Alguns idealizaram sonhos, como o de serem escritores, estudar para chegar a um mestrado e doutorado e mergulhar no universo da literatura de maneira mais profunda e, assim, passaram a acreditar que a leitura transforma o leitor. Por outro ângulo, para os autores, essa ocasião certamente foi de suma importância para alimentar o trabalho da escrita, enriquecer as produções literárias e abranger o universo da ficção, além de ser o combustível principal para a continuidade do trabalho de um escritor. Consideramos importante o engajamento do projeto Chá Literário fundamentado no princípio de que a escola é um lugar privilegiado, onde o aluno sente a necessidade de desenvolver hábitos de estudos literários que contribuem para sua formação enquanto indivíduo. De maneira mais eficaz do que qualquer outro, acreditamos que esses estudos estimulam o exercício da mente, a leitura de mundo, a percepção do real e da ficção, além de desenvolver habilidades de leitura e escrita. Nesse sentido, reconhecemos que a escola é um chão fértil para novas descobertas, para ampliar horizontes e marcar rupturas, além de desencadear sonhos, vivenciar o real e experimentar o fantástico. Diante desse desafio, alguns questionamentos são pertinentes. Se esse é o lugar, então, como promover a leitura literária em sala de aula? Como formar alunos leitores? Como fazer com que os alunos compreendam o que leem?



A leitura no chão da escola

Existem vários estudiosos e pesquisadores que defendem seu ponto de vista sobre o ato de ler. Para responder as indagações acima é necessário que se compreenda primeiramente o letramento literário, e escolhemos Cosson (2014) para contribuir nessa definição:

A análise literária toma a literatura como um processo de comunicação, uma leitura que demanda respostas do leitor, que o convida a penetrar na obra de diferentes maneiras, a explorá-la sob os variados aspectos. É só quando esse intenso processo de interação se efetiva que se pode verdadeiramente falar em leitura literária (COSSON, 2014, p. 14).

Retornando as nossas vivências em sala de aula, durante o desenvolvimento das atividades no decorrer do ano, os alunos tiveram a oportunidade de experimentar mundos inimagináveis, encontros marcados por experiências intransponíveis, como o Chá literário e a Agenda Literária. Leitor e autor puderam se encontrar num ambiente para discutir questões da literatura. A troca de ideias e informações aproximaram valores comuns e despertaram novos valores. O impacto causado pela leitura, o diálogo, questionamentos e experiências despertaram novos horizontes nessa jornada literária. Diante disso, observamos que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, 2002, p.20). Com isso entendemos que:

A experiência da leitura logra libertá-lo das opressões e dos dilemas de sua práxis de vida, na medida em que o obriga a uma nova percepção das coisas. O horizonte de expectativas da literatura distingue-se daquele da práxis



histórica pelo fato de não apenas conservar as experiências vividas, mas também antecipar possibilidades não concretizadas, expandir o espaço limitado do comportamento social rumo a novos desejos, pretensões e objetivos, abrindo, assim, novos caminhos para a experiência futura (JAUSS, 1994, p. 52).

A vivência da experiência é “algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (BONDÍA, 2002, p.24). Ela oportuniza a abertura de novos caminhos e amplia os horizontes de expectativas dos leitores. É o que acreditamos ter ocorrido com os alunos do 2º ano do ensino Médio da Escola Estadual Professor João Batista no ano de 2020, pois, após apreciarem o evento de três dias promovido pela universidade, denominado “Agenda Literária”, a professora de Língua Portuguesa solicitou aos alunos que fizessem um relato sobre a experiência da leitura literária em sala de aula, bem como suas impressões sobre o projeto Chá Literário e o evento realizado. A seguir apresentamos alguns depoimentos registrados por estes estudantes.

PATY³, 16, F: Essa experiência me auxilia no processo de transformação no meio social e me faz refletir sobre minha formação profissional.

BILL, 16, M: Já houve produções textuais dos alunos que depois de estudar diversas formas de literatura, produziram fizeram parte da publicação de um livro, inclusive eu já participei e isso nos dá confiança sobre nosso potencial de escrever.

³ Os alunos citados aqui não serão identificados. Os nomes utilizados são fictícios e foram escolhidos por eles para divulgar na pesquisa. Após os nomes, informamos a idade e o sexo.



Vol. 22, nº 1 (2022)

BELA, 16, F: A literatura tem um grande papel na sociedade porque podem inspirar muitas pessoas a ser um autor.

MYLE, 16, F: Esses projetos a nível acadêmico, nos aproximam da universidade e nos dão conhecimento que muitos não tem a chance de adquirir, isso facilita nossa compreensão e aprovação em vestibulares que muitas vezes citam esses autores por serem tão reconhecidos. Fico feliz em descobrir essas obras e abrir minha mente com uma visão literária diferente da que estou acostumada.

AURORA, 16, F: Além da Chá Literário, estou gostando muito dos três dias de evento no Centro Cultural, onde tive a oportunidade de assistir o meu primeiro teatro, também vi um documentário sobre a história dos autores de Mato Grosso que trouxe experiências valiosas para minha vida.

A metodologia utilizada para trabalhar a literatura foi o método recepcional de Aguiar e Bordini (1998), colocando em prática alguns conceitos básicos como: receptividade, concretização, ruptura, questionamento e assimilação. Nesse sentido, a primeira etapa do trabalho foi determinar os horizontes de expectativa do leitor. A segunda etapa buscou observar, na medida do possível, o atendimento ao horizonte de expectativas, proporcionando-lhe experiências com os textos literários que satisfizeram suas necessidades quanto ao gênero proposto e às estratégias utilizadas. A terceira etapa desencadeou na ruptura do horizonte de expectativas, rompendo com alguns recursos compositivos, de modo que o aluno percebesse estar ingressando num campo desconhecido. Na quarta etapa, fez-se necessária uma análise comparativa das experiências de leitura, questionando-se os horizontes de expectativas. E, por fim, na quinta etapa, observamos a ampliação desse horizonte de expectativas e verificamos se



esses receptores sentiram a necessidade de avançar na leitura. Os depoimentos a seguir nos ajudam a compreender o resultado desse trabalho no chão da escola.

CELESTE, 16, F: Para minha vida significou muito, pois através da leitura consegui aprimorar meu vocabulário e conhecimento.

JOSEPH, 16, M: A literatura é um elemento importante para a formação do conhecimento do estudante, pois através dela as pessoas desenvolvem a escrita, a língua e a fala e se abrem para diversas oportunidades do mundo. A literatura pra mim não é somente ler um livro, ela acrescenta cultura e valores a uma sociedade.

JORDANA, 16, F: Bom quando ouvia a palavra literatura já não gostava da aula de português porque de literatura não entendia nada. Eu não gostava de ler, não lia livro em casa, se via algum texto, uma notícia na rede social nada me interessava a ler. Quando comecei a ter aula de leitura em sala de aula, de contos, poesias e a conhecer os autores passei a me interessar pelas obras e por leituras.

Sabemos que todo leitor traz consigo, antes de entrar em contato com a obra, um horizonte de vida, de valor, de mundo, provindo de suas experiências. Esse horizonte diante da obra literária sofrerá alterações ou se manterá inalterado. Essas alterações acontecem porque “o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos” (BONDÍA, 2002, p. 24). Assim, ele se define por sua receptividade. Para sustentar esse ponto de vista, Bordini e Aguiar (1998) corroboram:

O texto pode confirmar ou perturbar esse horizonte, em termos das expectativas do leitor, que o recebe e julga por tudo o que já conhece e aceita. O texto, quanto mais se distancia do que o leitor espera dele por hábito, mais



altera os limites desse horizonte de expectativas, ampliando-os. Isso ocorre porque novas possibilidades de viver e de se expressar foram aceitas e acrescentadas às possibilidades de experiência do sujeito. Se a obra se distancia tanto do que é familiar que se torna irreconhecível, não se dá a aceitação e o horizonte permanece imóvel (p. 87).

Nem sempre os horizontes de expectativas dos alunos são atendidos, mas percebemos que em grande parte para desenvolver o hábito de ler é preciso a mediação do professor na sala de aula. A maioria dos alunos não possuem livros em casa, também não veem nos pais o hábito da leitura. Então a única alternativa é a mediação do professor na escola e as indicações das leituras que estão disponíveis na biblioteca escolar. Por meio dos depoimentos dos alunos é possível perceber que as estratégias desenvolvidas nas aulas de literatura tem sido motivadoras para despertar o gosto daqueles que até então não apreciavam a leitura como podemos constatar a seguir.

RAUF, 17, M: Eu não gosto de poemas, mas as aulas de literatura estão mudando meu conceito, estou aprendendo a gostar de poemas.

LURDES, 16, F: A literatura em si é algo surpreendente, pois ela está totalmente ligada à nossa vida, não há como uma pessoa ir para a faculdade sem ler algum livro de literatura ou estudar sobre a literatura e suas características. Além disso, eventos incluindo outros autores e vendas de livros é um dos modos de induzir os jovens a leitura, assim como o incentivo não somente dos professores de língua portuguesa, mas de todas as disciplinas.

AKIA, 16, F: Os projetos e eventos literários que são realizados na escola vem ajudando muito os alunos, pois eles têm a oportunidade de desenvolverem textos,



Vol. 22, nº 1 (2022)

poesias, contos e se inspiram nas leituras da professora em sala de aula e nas obras que ela nos apresenta.

JASMINE, 16, F: Eu não gostava de ler, mas as aulas de literatura me despertaram o desejo de ler, me sinto inspirada com as leituras que faço hoje. Também vejo como os autores ficam felizes. É como se recarregassem a energia deles saber que estamos lendo suas obras, alguns até se emocionam em ver a empolgação dos alunos fazendo a leitura de seus livros.

Diante desse cenário, os alunos assumem o papel ativo de leitores. Efetuam leituras compreensivas e críticas, tornam-se receptivos a novos textos e a leituras de outrem, questionam as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural e transformam os próprios horizontes de expectativas, bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social. Com isso, o aluno passa a ser visto como agente do processo de leitura e aprendizagem, num constante enriquecimento cultural e social.

Preservar as relações entre literatura e escola, ou o uso do livro em sala de aula, decorre de ambas compartilharem um aspecto em comum: a natureza formativa. De fato, tanto a obra de ficção como a instituição do ensino estão voltadas à formação do indivíduo ao qual se dirige (ZILBERMAN, 2003, p. 25).

A formação do indivíduo nesse espaço de literatura e escola que permeia entre os livros, o chão da escola e a experiência de mundo torna-se privilegiada, pois o sujeito dessa experiência está aberto à sua própria transformação. Nesse contexto é possível notar a importância do trabalho literário no ambiente escolar.



Se, por não sei que excesso de socialismo ou barbárie, todas as disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário (BARTHES, 1980, p.18).

É interessante salientar que o trabalho realizado acontece no chão da escola, mas convém enfatizar que aqui a literatura não apresenta caráter de formação pedagógica. Não é nosso propósito exaltar a literatura como se ela encarnasse sempre o belo, o verdadeiro e o bom, conforme nos alerta Candido (1972), pois o crítico assegura que, “a literatura pode formar, mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, o verdadeiro, o belo, o bom, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida” (p. 84). No entanto, sabemos da força que a literatura produz com seu caráter humanizador, sobretudo sobre sua função social. Nesse sentido, podemos observar novamente o que dizem os alunos sobre a vivência da literatura para vislumbrar um norte e percepções que vão muito além de utilizar o texto ficcional enquanto pretexto para educar.

KIARA, 16, F: Foi uma experiência interessante, pois pude estar mais perto da literatura e me encantar com a maneira que um autor pensa, escreve e se expressa. Observar como as palavras são descritas dentro de um conto e da poesia, parecem que estão em outro mundo e com isso as ideias nos levam pra dentro do livro e quando notamos estamos numa viagem literária e parece que literalmente estamos vivendo as emoções e os sentimentos que estão registrados no livro.



Vol. 22, nº 1 (2022)

GRAÇA, 16, F: Autores como Eduardo Mahon, Ivens Scaff, Lorenzo Falcão, Lucinda Persona, entre outros autores maravilhosos que nos fazem viajar e se apaixonar mais a cada obra lida, isso nos traz o desejo de ler outra e nunca mais parar.

PIETRO, 17, M: Saber a opinião dos autores e ouvir as respostas deles sobre nossos questionamentos cara a cara foi algo memorável. Além disso, uma ótima maneira de humanizar os autores em minha mente, já que antes eles eram apenas pessoas misteriosas que produziam grandes textos. Saber que eles, os autores são tão humanos iguais a mim, foi algo que me motivou a continuar as minhas produções amadoras.

Notamos que “a experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal” (BONDÍA, 2002, p. 27). Entretanto, nos relatos acima percebemos que a leitura permitiu ampliar os horizontes de expectativas. Vimos também que, “a leitura literária é um meio prodigioso de estimular a criatividade dos alunos, de impulsionar processos interpretativos e, finalmente, de lutar contra o fracasso escolar e o iletrismo” (ROUXEL, 2002, p.30). Apoiando essa luta contra o fracasso escolar, podemos tomar as palavras de Colomer (2003, p. 386) para reflexão.

A relação entre os textos e os leitores é a origem e o centro de uma das linhas que parecem mais promissoras do progresso futuro deste campo: a de entender as características dos textos como uma proposta de formação e ajuda ao leitor em seu itinerário de acesso à literatura como discurso social, que configura e expressa a experiência humana.

Ao nos depararmos com os desafios que o processo educacional carece, no intuito de conhecer as proezas da literatura e despertar o desejo de leitura e escrita desses alunos é que podemos compreender, do mesmo



modo, que “a literatura, assim como a vida, ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como manuais de virtude e boa conduta” (CANDIDO, 1972, p.84). Notadamente, verificamos o quanto a literatura tem o poder de humanizar o ser, fazer viver sensações, fazer refletir e, assim, provocar mudanças no indivíduo diante da sua própria realidade. A literatura atua em sala de aula como um suporte para que os alunos possam beber da leitura, pois é notório que ninguém nasce sabendo ler; aprende-se a ler na medida em que vão se apresentando novas e desafiadoras leituras. Por isso, entendemos que ela precisa ser inserida nesse universo e este espaço deve ser algo prazeroso, conforme atesta o relato da aluna a seguir.

ROSINHA, 17, F: Descobri que a literatura é muito boa para nós, me divirto muito com as obras que estou lendo em sala de aula. É muito bom o ato de ler, pois para sabermos fazer uma boa redação precisamos ter conhecimento que vem dos livros. A cada dia que passa tenho mais curiosidades sobre a literatura, conhecer mais autores e mais obras.

Como sabemos, a experiência de leitura literária possibilita ao leitor ser ativo. Alertamos, porém, para o fato de que, diante de qualquer cenário, faz-se necessário uma relação dialógica/estética que envolva autor/obra/leitor e que resgate o potencial de significado da obra, que intercale fantasia e realidade em proporções mediadas pelas experiências de cada leitor. Com isso, compreendemos, da mesma forma que Candido (1972, p. 83), que “a fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc”.



Os relatos aqui reunidos a partir dos testemunhos dos leitores jovens nos fazem pensar que esse é o caminho e a função da literatura, ou seja, a de emancipar o leitor das amarras do que a sociedade dita como regras ou barreiras intransponíveis.

[...] um campo de plena liberdade para o leitor, o que não ocorre com outros textos. Daí provém o próprio prazer da leitura, uma vez que ela mobiliza mais intensa e inteiramente a consciência do leitor, sem obrigá-lo e manter-se nas amarras do cotidiano (AGUIAR e BORDINI, 1998, p.15).

A literatura certamente nos humaniza, nos torna seres pensantes, reflexivos, livres na medida em que nos apropriamos das leituras que estão ao nosso redor. A formação do homem a partir da literatura nos permite ser donos de nossas próprias decisões e, acima de tudo, sermos mais humanos. As experiências no chão da escola alinham esses feitos e nos provocam enquanto mediadores a um ato de reflexão. Nas falas dos jovens fica claro a necessidade de intermediação de autores e mediadores como agentes motivadores desse processo.

FÁBIA, 16, F: O projeto de literatura na escola está sendo muito bom, pois estou despertando o gosto pela leitura. E sobre os autores ter vindo a escola para falar de seus livros eu achei incrível porque as vezes lemos obras, mas não podemos conhecê-los e isso pra mim foi a melhor ideia de todas, além de vê-los pessoalmente, escutar eles falando sobre suas histórias e como se tornaram escritores é um incentivo para muitos que também desejam ser.

GEÓRGIA, 16, F: Esses autores nos inspiram para que nos atentamos para as coisas mais simples da vida e que podem nos trazer uma grande felicidade.



JÉSSICA, 16, F: Eu nunca havia lido poemas de autores de Mato Grosso e daqui pra frente não pretendo parar de ler os livros.

Não se pode desconsiderar, entretanto, a natureza estética dos livros, uma vez que valorizamos aspectos para além daqueles que são utilizados usualmente, como a retomada da ficção para simples observação de aspectos linguísticos, por exemplo; é necessário que se encene e que se crie um discurso que compreenda a língua de forma mais ampla, conforme diz Barthes (2015, p.19): “Se aceito julgar um texto segundo o prazer, não posso ser levado a dizer: este é bom, aquele é mau. Não há quadro de honra, não há crítica, pois esta implica sempre um objetivo tático, um uso social e muitas vezes uma cobertura imaginária”. Também entendemos, como aponta Machado (2011, p. 27), que

A leitura de bons livros, além de toda a força da experiência estética vivida, de intenso conteúdo emocional, nos dá algo extraordinário: ensina a tolerância a cada indivíduo e nos facilita o convívio com a diversidade cultural e social.

Diante da participação dos alunos informantes, dos depoimentos dados com segurança, temos que perceber que a literatura oferecida na escola precisa ser cuidadosamente observada, pois, quando se trata de uma obra com qualidade estética, esta pode significativamente ajudar na formação do leitor. Este, por sua vez, poderá romper, questionar e ampliar seus horizontes de expectativas e melhorar o nível de conhecimento. A instituição escolar, também ao seu modo, deve cumprir seu papel como emancipador, pois, notadamente verificamos o quanto a literatura tem o poder de humanizar o ser, viver sensações, fazer refletir e, assim, provocar



mudanças no indivíduo diante de sua própria realidade. Como diz Antonio Candido (1972, p. 85, grifos do autor), a literatura “*não corrompe nem edifica*; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”.

Considerações finais

Certamente há muito que observar para materializar algumas percepções que podem nos auxiliar no cotidiano em sala de aula. cremos, porém, que algumas de nossas experiências no chão da escola, como a participação dos alunos informantes, podem nos oferecer boas pistas para efetivar uma leitura da literatura, num primeiro momento, e uma leitura de mundo num momento posterior. Somente estabelecendo bases sólidas para um processo que esteja, do mesmo modo, em constante avaliação e uma formação de mediadores de leitura conscientes de seu papel, poderemos vislumbrar alguma mudança no horizonte de expectativas de nossos jovens. A literatura oferecida na escola realmente precisa ser cuidada, observada, assistida e ponderada por agentes de leitura, por autores e por motivadores de modo que se estabeleçam diversas pontes entre o conhecimento e a convicção de que a força interior de uma obra ficcional também está alicerçada na convicção, na resolução e na determinação de construir um pensamento crítico de nossos jovens leitores em idade escolar. Disposição, vontade e decisão que, repetimos, estão no chão da escola.



Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de e BORDINI, Maria da Glória. **Literatura e Formação do leitor**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

BARTHES, R. **Aula**. São Paulo, Cultrix, 1980.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Revista Brasileira de Educação**. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. 2002, nº 19.

BARTHES, R. **O Prazer do Texto**. Perspectiva S. A., 6ª ed. São Paulo, 2015.

CANDIDO, Antonio. **A Literatura e a Formação do Homem**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: Teoria, Análise, Didática**. São Paulo: Moderna, 1ª ed. 2000.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo, Contexto, 2014.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

MACHADO, Ana Maria. **Silenciosa Algazarra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ROUXEL A. Qu'entend-on par lecture littéraire? **La Lecture et la culture littéraires au cycle des approfondissements**. SCEREN, CRDP de Versailles, "Les Actes de la Desco". P. 19-30. 2002.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 2003.